

## O JORNAL EM SALA DE AULA COMO FERRAMENTA DE ENSINO

Patrícia Haeser Ferreira Nery<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca fazer uma reflexão sobre as atividades de ensino-aprendizagem em língua portuguesa com enfoque na utilização de textos dos mais variados gêneros, estudando especificamente o jornal em sua forma impressa como ferramenta de ensino para o desenvolvimento das habilidades linguísticas de ler e escrever. Parte do conceito de texto enquanto lugar de interação entre sujeitos, locutor e interlocutor, da linha bakhtiniana de compreensão da linguagem numa abordagem dialógico-interacional. Pretende também, refletir sobre o papel da escola, sobretudo nas aulas de língua materna, no fornecimento aos alunos de conhecimentos necessários para sua inserção no mundo como sujeitos ativos, críticos, questionadores do contexto que os cerca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino-Aprendizagem; Língua Portuguesa; Textos; Jornais.

### ABSTRACT

This article aims to reflect on the teaching-learning activities in English with a focus on the use of texts of various genres , studying specifically the newspaper in its printed form as a teaching tool for the development of language skills to read and write. Part of the concept of text as a place of interaction between subjects, speaker and listener , the Bakhtin line language comprehension in a dialogical - interactional approach. Also intends to reflect on the role of schools , particularly in mother tongue classes, in providing students with the knowledge necessary for their insertion in the world as active subjects , critical , questioning the context that surrounds them.

**KEYWORDS :** Teaching and Learning ; Portuguese language; Texts; Newspapers.

### Introdução

“Nunca se leu tanto jornal”, dizia uma campanha publicitária da Associação Nacional de Jornais veiculada em jornais impressos e digitais iniciada no ano de 2015. Os números apontados na pesquisa são realmente impressionantes: 92% dos usuários de smartphones leem notícias pelo celular, se pensarmos na praticidade e rapidez com que se pode acessar as manchetes, escolher as de maior interesse para cada usuário, selecionando por tema e localidade, podemos compreender que um enorme número de

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará – PA e Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – AC.

peças passou a ler notícias com a massificação do uso de smartphones e tablets. A pesquisa realizada pela ANJ mostrou também que 58% dos brasileiros confiam mais nos jornais do que em outras mídias, ou seja, apesar da multiplicação de sites e blogs de notícias, as mais confiáveis fontes, na opinião de mais da metade dos leitores, continuam sendo os *sites* de jornal ou os jornais impressos.

Notícias são atualizadas em tempo recorde, e os acontecimentos são narrados quase que imediatamente, podendo ser lidos de qualquer lugar do planeta, onde tenha acesso à rede de *internet*. Mas, apesar dessas particularidades, o “preferido” no Brasil continua sendo o jornal impresso, pois, 79% dos leitores de jornais leem a versão impressa, de acordo com essa mesma pesquisa.

Rapidamente, notícias veiculadas pelo mundo inteiro passam a refletir nas redes sociais. Não se pode negar o impacto da tecnologia nas relações com os jornais e a relação das pessoas com os jornais e a tecnologia.

Destarte, considerando a grande difusão deste gênero nos dias atuais, seja impresso ou digital, ele pode ser um importante aliado nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas, conforme assevera Gutierrez: “(...) é urgente a necessidade de revisar a educação à luz das novas exigências que nos oferecem os meios de comunicação social, tanto por seu conteúdo como por suas formas”(1978, p.14).

Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre o uso de textos em sala de aula, especialmente nas aulas de língua portuguesa, com algumas alternativas de abordagens pedagógicas para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, salientando o uso de jornais impressos.

## **2. O texto nas aulas de língua portuguesa**

Em linguística textual encontramos múltiplas definições para seu objeto de estudo – o texto. Não cabe aqui um estudo pormenorizado das correntes de estudo. Adotamos a definição de texto apresentada por Koch:

Lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como um evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beugrande, 1997), por meio das quais se constroem interativamente o objeto-de-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, em função das escolhas operadas pelos co-enunciadores entre as inúmeras possibilidades de organização textual que cada língua lhes oferece (Koch, 2005, p.17)

Esta definição de texto parte da concepção da linguagem numa abordagem dialógica, ou seja, um fenômeno que se desdobra em duas faces, considerando que “procede *de* alguém” e “se dirige *para* alguém” (Bakhtin, 2014) “Ela [a palavra] constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. (p. 116, grifos do autor).

Para Bakhtin, locutor e ouvinte são sujeitos importantes na enunciação do discurso, pois o seu sentido é construído nessa ação dialógica de interação. O sentido não está pronto, não vem no texto, é construído a partir das vozes trazidas pelos variados sujeitos. Ler não consiste apenas em decodificar sinais gráficos. Leitura é interação. Para construir esse sentido o autor precisa estar atento a todas as pistas deixadas no texto através de conectivos, conjunções e até a pontuação. Sem deixar de considerar outros elementos que não estão presentes no texto de forma explícita, mas que podem contribuir significativamente para compreensão das intenções do autor. Um exemplo clássico em que o contexto diz muito sobre o texto encontramos nos versos de “Cálice”, música de autoria de Chico Buarque, que faz alusão à paixão de Cristo, escrita no contexto da ditadura militar no Brasil, período em muitos sofreram censuras, principalmente artistas, jornalistas e escritores. No verso “Pai, afasta de mim este cálice”, com um brilhante uso do recurso linguístico homonímia para designar o “cale-se”, representando a censura de ideias e palavras impostas pelos militares.

Estes elementos extratextuais fazem parte do nosso “conhecimento prévio”, conhecimentos adquiridos por leituras primordialmente, mas também obtidas nas nossas experiências, trajetórias de vida. Ao escrever um texto, levamos em consideração as informações que são de conhecimento geral ou que fazem parte de um grupo específico. Escrever um texto com tudo explícito seria inviável, conforme nos esclarece Antunes (2003, p. 67). Como vimos no exemplo acima, para entender os versos do compositor Chico Buarque, é preciso ter conhecimento do texto bíblico em que Jesus suplica, momentos antes de ser entregue à crucificação, para que Deus conceda o livramento da morte, bem como ter conhecimento deste período da história do Brasil, marcado por mortes, torturas e sofrimento daqueles que se opuseram de alguma maneira ao militarismo, condenados por ser “agitadores sociais” em ambos os casos.

Certa vez em sala de aula, um aluno comentou sobre o nome de uma jornalista conhecida nacionalmente, Gioconda Brasil, inconformado com o fato de alguém dar um nome assim para um filho “parece gioconda do Brasil”, disse, com desdém. Então eu

expliquei que Gioconda era o nome de uma obra de arte bela e preciosíssima, guardada no museu do Louvre na França, de valor inestimável, de Leonardo da Vinci. No outro dia, o mesmo aluno, de ensino médio, confirmou que pesquisara sobre Gioconda ou Monalisa, e que havia até mudado de opinião a respeito do nome da jornalista.

Este é o poder da informação, mudar nossas concepções sobre a realidade que nos rodeia. Pode parecer absurdo um aluno do ensino médio não saber da existência de Gioconda ou “O grito” ou “Abaporu” ou tantas, mas acontece.

Evidentemente, deduz-se, aqueles que leem mais (entenda-se esse “mais” como abrangendo diversos tipos de leitura, dos mais variados gêneros) detém maior conhecimento prévio sobre o mundo, podendo, de maneira mais satisfatória, compreender determinados textos, fazer inferências, relacioná-los com outros textos.

Nesse diapasão, o professor de língua portuguesa deve convencer os alunos sobre as benefícios obtidos em ter a leitura enquanto um hábito, pois ela amplia o repertório de conhecimentos.

Defendemos aqui, por conseguinte, que a concepção de texto seja levada para sala de aula, pois uma das grandes dificuldades encontradas pelos alunos na produção de textos é justamente a proposta de produção descontextualizada. Escreve-se para quem e para quê? Se a resposta a esta pergunta for “para o professor” e “para que ele corrija os ‘erros’ de português” teremos uma das respostas à questão de por que os alunos escrevem desmotivadamente.

Ainda que se pretenda criar uma situação concreta de comunicação com “escreva uma carta para alguém que distante” essa proposta ainda está longe de representar uma interação real, pois na era das redes sociais conectadas *on line* a missiva parece ter ficado obsoleta.

Igualmente, deve-se evitar, nas atividades de exploração da leitura, o uso de textos descontextualizados, fragmentados, sem conexão com o mundo dos jovens alunos.

Uma alternativa para as aulas de língua portuguesa, defendida por vários estudiosos, é a utilização de variados gêneros textuais em sala de aula para que o aluno possa entrar em contato com os mais diversificados tipos, estilos, formas: contos, romances, fábulas, noticiários, anúncios, poesias, avisos, documentos oficiais, artigos, etc. Uma proposta de atividade para estes textos é a exploração de suas características.

Importa frizar que sejam utilizados textos “autênticos”, nos termos de Antunes (2003) ou seja, textos em que se pode observar uma função comunicativa, interacional. Para isso, continua a autora, os textos devem vir acompanhados do máximo de informações sobre sua concretude: data de publicação – para entender o contexto de produção; suporte em que foi publicado; informações sobre o autor do texto, enfim, que sejam textos reais e que estes textos possibilitem uma leitura interativa, ou seja, “um lugar de encontro entre quem escreveu e quem lê” (ANTUNES, 2003, p.80), pois possibilitam que haja a compreensão e a construção do sentido, através das marcas textuais e não-textuais ou pragmáticas.

Ressaltamos também, ainda de acordo com Antunes, que as atividades com o texto devem priorizar uma leitura em via de mão dupla, pois ela sempre está vinculada ao seu contexto de escrita, uma supõe a outra. Assim, toda atividade de leitura deve ser convertida numa atividade de escrita, para que o aluno possa compreender a relação de interdependência que há entre essas duas atividades.

Além disso, as atividades de leitura devem sempre partir de uma leitura global do texto, para que o aluno possa identificar as ideias centrais do texto e assim discernir o que seriam o seu tema, sua finalidade, sua filiação ideológica, os argumentos utilizados para defender as ideias apresentadas no textos, atentando para o fato de que não existe “texto neutro”, pois uma certa afirmação, por mais trivial que pareça, traz uma visão de mundo, uma crença, uma ideologia.

Nessa perspectiva, nosso trabalho busca evidenciar, ainda que de maneira reduzida, algumas propostas de trabalho com o jornal impresso, suporte de textos de assuntos variados com colunas policiais, políticas, sociais, humorísticas, esportivas, de anúncios, etc., sendo, portanto, uma fonte riquíssima para exploração de conteúdos e elementos linguísticos.

Em regra, na escrita do jornal predomina a modalidade padrão da língua ou norma culta. Sobre o dever de ensinar ou não a norma culta na sala de aula, adotamos a visão de Soares:

Assim, o que a escola comprometida com a luta contra as desigualdades pode fazer é vitalizar e direcionar adequadamente as forças progressistas nela presentes e garantir às classes populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social. Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na

luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social.” (1991, p. 73)

Desta forma, devemos considerar o domínio da norma culta, chamado pela autora de “dialeto de prestígio”, por ser a variação linguística utilizada pelas classes dominantes e, por esse motivo dotada de prestígio social figura como instrumento necessário às classes populares uma vez que a dominação se dá não apenas com o monopólio de bens materiais, como também com o monopólio do capital linguístico socialmente rentável e do capital cultural acessível somente através desse capital linguístico, é a “luta no discurso” a que se refere Hall (2003, pg 402)

Faz-se necessária, no entanto, a discussão sobre o valor linguístico dos dialetos. Ensinar a norma culta não significa desconsiderar as manifestações que estejam fora da norma. O valor linguístico dos dialetos devem ser trabalhados na escola, mas ela não pode utilizá-la como única aceitável.

E as possibilidades de uso do jornal nas aulas de língua portuguesa não param nessa análise da normatização da língua. Podemos trabalhar a leitura global de determinado jornal. Sugerimos a utilização de um jornal impresso local, por ter mais elementos da vivência dos alunos e as atividades são inúmeras. Sugerimos algumas mais significantes:

*Trabalhando o sentido global* – Esta é uma tarefa complexa e pode se desdobrar de várias formas. Uma delas é verificar a ideologia, a visão de mundo, as crenças presentes no jornal em geral. Para isso, pode-se solicitar aos alunos que peguem exemplares de um mesmo jornal por uma semana e comparem as matérias estampadas, as que tem mais destaque, as que não tem muita importância. O que possibilita entender se o jornal se interessa mais pelos assuntos de origem na política, ou na economia, ou em matérias policiais, ou sociais.

É importante que o aluno ative seu senso crítico. Que responda às seguintes questões: qual o assunto valorizado pelo jornal ? essa valorização é necessária ? se sim, ou se não, por quais motivos ? houve sensacionalismo? Quem é o autor ? ele costuma escrever sobre este assunto? E o que dizem seus outros textos ?

Ao comparar mais de um jornal referente ao mesmo dia, ou período, dependendo da periodicidade de publicação, o aluno poderá comparar notícias veiculadas em mais

de um jornal e perceber se eles conferem o mesmo grau de importância às matérias. Ou ainda se alguma matéria que, por algum motivo, possa ser considerada importante foi omitida em um ou mais jornais. Este é o espaço ideal para trabalhar com os alunos a ideia de que devem questionar muito tudo o que leem (e ouvem) mesmo que no jornal, pois eles podem omitir determinados fatos por interesses econômicos, políticos ou pessoais.

No âmbito político, por exemplo, as imagens escolhidas podem, inclusive, anunciar uma inclinação partidária. Como é o caso dos jornais que inserem fotos de alguns políticos rindo, de frente para a câmera, enquanto escolhem fotos de outros políticos tiradas em momentos de descuido.

*Trabalhando os pormenores* – Temos aqui conteúdo para muitas aulas, além das atividades acima citadas, podemos trabalhar com uma matéria em especial. Importante que o aluno possa escolher uma matéria e dela extraia os elementos essenciais, representados pelas respostas às perguntas: O QUÊ, QUEM, COMO, ONDE, PORQUE, COMO. O aluno pode verificar se essa mesma matéria foi veiculada em outro jornal e de que maneira, se a abordagem seguiu a mesma linha ou se há pontos convergentes. Pode-se aí fazer um estudo dos marcadores linguísticos de pressuposição, os conectivos.

Nos textos humorísticos, podem ser explorados os elementos linguísticos de humor, ambiguidade, mal-entendido, e outros recursos cômicos.

*Trabalhando com a escrita* – Neste item, pode-se propor uma atividade de desdobramento da atividade de leitura, por exemplo, exercitando a capacidade de síntese ao resumir uma matéria ou reescrevendo-a.

Esta é uma oportunidade de trabalharmos a escrita numa perspectiva dialógica, conforme falamos no texto. O professor pode orientar ou coordenar uma atividade de escrita de jornal que ultrapasse os limites do faz-de-conta e que seja efetivamente um jornal da escola, que pode iniciar veiculando, em diagramação específica, as notícias, ideias, eventos e imagens de uma classe, mas que também pode ser utilizada para veiculação de informações de toda a escola, em um trabalho conjunto.

## **Considerações finais**

Como professora de língua portuguesa, posso afirmar que é um desafio pretender “ensinar a interpretar textos”, e, sendo o texto um lugar de dialogismo, esse desafio é ainda maior, pois não se trata de interpretar códigos dotados de um único sentido. São textos cujo sentido se dá na interação. De que vale um texto que nunca foi lido? Ou para que foi escrito senão para a leitura? Mesmo que de poucos, o fato é que compreender os textos que nos são apresentados ou que buscamos, é tarefa essencial para agir no mundo.

Sabemos que não existe uma fórmula matemática para isto. Sintetizar em fórmulas os supostos itens necessários para o desenvolvimento de tal competência é um equívoco tal como o é tentar aprisionar em espaço delimitado os aspectos cognitivos da condição humana.

Entretanto, muito se tem discutido sobre a importância de se trabalhar a leitura de textos, principalmente sobre suas implicações pedagógicas. E não são poucos os frutos dos estudiosos que se ocuparam de entender como funciona o processo de significação em língua.

O que se pode resumir, e que já foi discutido aqui, é a importância da leitura para o desenvolvimento de várias habilidades da mente humana, inclusive construir o sentido.

Desta forma, considerando as questões ora levantadas no presente artigo, sugerimos a ampla utilização de textos autênticos em sala de aula. Textos reais, com data e local de publicação, autoria, textos completos, que tenham um objetivo comunicativo e interacional.

O jornal é uma delas, pois seu rico conteúdo pode servir de base para diversas atividades. As possibilidades não foram aqui esgotadas, e nem poderiam, pois quando se trata de texto elas são inúmeras e dependem da disponibilidade e criatividade de cada professor e também, da relação entre professor e alunos.

Pretendemos, com este trabalho, contribuir de alguma forma para as aulas de língua portuguesa, sobretudo no ensino médio, nível de ensino em que se espera já uma capacidade de leitura crítica e de produção textual satisfatória dos alunos e assim, poder influenciar na realidade que cerca. Este é o papel da escola. Por este motivo as classes sociais menos privilegiadas são as que mais lutam pelo direito de acesso ao ensino de qualidade, pois sabem que é através dele que se pode obter os conhecimentos



necessários para o enfrentamento social. E nós, educadores, devemos nos esforçar para contribuir com a melhoria da qualidade de ensino.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M.M. (Mikhail Mikhailovitch). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

GUTIERREZ, F. **Linguagem total** – Uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1978.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Texto, contexto e cultura. In: CRUZ, Regina Célia (org.). **III Workshop do Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Uma abordagem textual**. Belém, 2005.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva Social**. São Paulo: Ática, 1991.

**Banners da campanha da ANJ**, Disponível em: <http://www.anj.org.br/2015/08/31/anj-terceiro-anuncio-da-campanha-nunca-se-leu-tanto-jornal/> acesso em 15/04/2016 e <http://portalimprensa.com.br/cdm/caderno+de+midia/73900/em+nova+campanha+anj+destaca+relevancia+de+jornais+impressos> acesso em 15/04/2016

Recebido em: 30 de maio de 2016

Aceito para publicação em: 05 de Julho de 2016